

# **Um mês que não terminou: uma análise qualitativa, com base na história oral, do Movimento Passe Livre (MPL) nas jornadas de junho de 2013, em São Paulo**

**Edmar Aparecido de Barra e Lopes**

Universidade Federal de Goiás, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-9576-510X>

ed.clio@hotmail.com

## **Considerações iniciais: cidade, neoliberalismo e ativismos**

O Estado brasileiro se configurou, nas décadas recentes, como uma democracia representativa pluripartidária e estável, consolidada com a Carta de 1988. Entretanto, uma análise mais detalhada permite-nos constatar uma realidade muito mais complexa e desafiadora, na qual ganha destaque um conjunto de ambiguidades e contradições políticas, econômicas e sociais indicativas de fortes limitações típicas de países de capitalismo dependente, como encontramos em Fernandes (1968, 1973). Limitações essas agravadas por permanências de nosso passado colonial escravocrata e por políticas hegemônicas

neoliberais<sup>1</sup> que aprofundam várias formas de desigualdades existentes (pobreza, desemprego, restrições à participação política, exclusão social etc.) que resultam de reformas econômicas orientadas por essa ideologia.

Esse cenário encontra-se sobremaneira intensificado nas grandes cidades, tendo em vista o contexto atual do capitalismo excludente, que passaram a figurar como epicentro da crise social do país intensificada pelas transformações em andamento, associadas – de forma combinada e desigual, inacabada e contraditória – a processos de globalização e aprofundamento da dualização social das mesmas (SASSEN, 1991; BORJA; CASTELLS, 1997).

Nessa linha, concordando com Preteceille (2003), encontramos, cristalizadas tanto nas estruturas materiais do espaço construído, como nas formas sociais de metrópoles nacionais e regionais de nosso país, permanências históricas na economia e na sociedade que inviabilizam reformas civilizatórias no bojo do capitalismo brasileiro. Tal como ocorrera, conforme Castel (1995), nos países onde se constituiu

---

1. As reformas neoliberais adquiriram várias configurações. Devemos destacar, entretanto, que alguns elementos estiveram presentes em todas elas, tais como: a remercantilização da força de trabalho, a desmontagem dos sindicatos, a desregulamentação dos mercados de trabalho, a privatização de muitos serviços sociais que estiveram previamente em mãos do Estado (FIORI, 1995). De modo geral, os governos neoliberais propugnam noções de mercados abertos e de tratados de livre comércio. Ainda, a redução do setor público e do intervencionismo estatal na economia e na regulação do mercado (BEYNON, 1998). De tal forma que, conforme Ibarra (2011, p. 242), entre 1975 e 2003, período típico do predomínio neoliberal, a taxa de crescimento *per capita* mundial, além de polarizar-se entre as zonas prósperas e regiões atrasadas, caiu, em média, mais da metade em relação ao período de 1950-1975. [...]. Ao mesmo tempo, amplia-se a brecha do atraso da África e da América Latina. Desde a década de 1970, os países da OCDE cresceram a um ritmo médio de 2% anual, enquanto a América Latina apenas o fez a 0,6%, e os países africanos subsaarianos, a -0,7% [...]. Nesse contexto de crise, os países são levados a liberar os mercados, reduzir o papel do Estado, assimilar desigualdades sociais não suspeitadas, desestabilizar a ordem, as hierarquias e as prelações nacionais, em uma palavra a *limitar as opções à ação coletiva* [grifo nosso].

sociedade salarial.

Também nessas cidades, verificamos crescentemente a emergência de lutas contra-hegemônicas ou de formas de resistência urbana. Cenário que nos permite reconhecer as cidades – nesse momento histórico – enquanto campo de batalhas, onde ganham visibilidade novas formas de ativismos<sup>2</sup> que tem ocupado, especialmente, espaços públicos nas cidades, reinventando métodos tradicionais de ação e protesto.

Paterniani (2016), ao procurar compreender o que seria o ativismo urbano ou ainda o que seriam os coletivos responsáveis pelas ações ligadas a ele, argumenta que tal questão coloca a necessidade de delimitarmos o ativismo. Dessa forma, averiguando as particularidades que o diferenciam de práticas de movimentos sociais do passado e de outras ocorridas no próprio presente<sup>3</sup>.

---

2. De acordo com Frúgoli Jr. (2018), o ativismo, com enfoque nas práticas de enfrentamento da crise ligada ao chamado neoliberalismo, emergiu nos últimos anos como novas emergências pelo direito à cidade em abordagens no campo da crítica e da resistência, por exemplo: Harvey (2012), Agier (2017), Velho (1999), Jacobs ([1961] 2003), Ghon (2014, 2017), Certeau, ([1994] 2012), Frehse (2009), Simmel ([1903] 2005), Frúgoli Jr. (2007), Magnani (2009, 2013), Di Giovanni (2015b), Rolnik *et al.* (2014), Judensnaider *et al.* (2013), Novaes e Alvim (2014), Hamburger (2016), Muhale (2014), Saraiva (2017), Damo e Oliven (2014), Arley e Ricci (2014), Cava (2014), Dupuis-Déri ([2007] 2014), Solano e Manso (2014), Vergara (2015), Nascimento e Olivar (2016), Herzfeld (2014), Kanigel (2016) etc.

3. Ghon (2018, p. 120), esclarece que: “[...] os movimentos clássicos, de luta pela terra, por moradia, ou os sindicatos, contam pouco com a participação dos jovens e, usualmente, se organizam de forma tradicional, no rural ou no urbano. Eles têm concepções e estruturas organizacionais mais centralizadas, focalizadas em líderes ou lideranças. Eles também se articulam em redes e usam internet, mas o ambiente virtual é apenas uma ferramenta de apoio e não um vetor ou veículo básico de comunicação e interação. As articulações são mais dirigidas, fechadas, são mais homogêneas, entre pares. Internamente, organizam-se via departamentos ou setores (jovens, mulheres ou temáticas e problemas), mas dentro de uma linha com cultura organizacional homogênea. [...] Desenvolvem formas de solidariedade interna, mas realizam poucas transformações na forma centralizada de operar seus repertórios e de se relacionar com os jovens, com outros movimentos, com a sociedade, ou com

Reflexão encontrada, por exemplo, em Castells (2013)<sup>4</sup>, ao ressaltar que os ativismos urbanos tem como marcas distintivas o fato de: serem formas de ação coletiva fora dos canais institucionais precedentes (partidos, sindicatos, movimentos setoriais) e nas quais a mobilização<sup>5</sup> emocional é desencadeada pela indignação; de configurarem-se enquanto locais e globais ao mesmo tempo em função de imagens veiculadas no ciberespaço e, ainda, sem liderança ou com forte noção de autogoverno; e de carecem de uma forte ideologia expressa por um programa e fazem uso da internet como fator de mobilização social<sup>6</sup>.

De outro modo, o ativismo no espaço urbano do capitalismo no contexto referido é aqui compreendido enquanto forma de atuação, estratégias e táticas em que atuam coletivos ativistas na cidade, desafiando a lógica da democracia representativa, ao mesmo tempo em que buscam gerar uma nova forma de democracia e reelaboram formas tradicionais de rebeldia. Dessa forma, singularizando seu conteúdo em relação aos antigos movimentos de contestação social.

Reforçando análise de Tilly e Tarrow (2007), segundo a qual, no  
governos”.

4. Na mesma linha, Damo e Oliven (2014) e Sales *et al.* (2018) complementam que também fazem parte das especificidades dos mesmos: a) relações horizontalizadas; b) redes descentralizadas e autônomas; c) a pluralidade dos interesses dos seus atores e; d) alternativas táticas e organizativas à ideia de militância; e) dinamismo das movimentações por diversos espaços urbanos – ruas, parques e praças – com forte efeito performático; f) agilidade das convocações, incluindo amplo uso das redes sociais.

5. Destacamos a contribuição de Toro e Werneck (2004) ao chamarem atenção para a compreensão da mobilização social como ato de vontade das pessoas orientadas por propósitos comuns e tendo em perspectiva as contribuições de cada indivíduo em um processo de transformação das suas condições.

6. Ghon (2018, p. 119) chama atenção para o fato de que: “[...] O poder das redes vai além da mobilização. Elas impactam no caráter da ação coletiva desenvolvida. A Internet tem alterado a formação, a articulação e a atuação dos movimentos sociais, gerando impactos e resultados diferentes na sociedade e nos próprios movimentos, segundo áreas territoriais, com impacto maior nas regiões urbanas, dadas as dificuldades de acessibilidade nas zonas rurais”.

mundo globalizado neoliberal de hoje, presenciamos um novo ciclo de protestos com contestações políticas semelhantes aos da década 1960 (quanto aos impactos e efeitos na sociedade e nos governos) e, ao mesmo tempo, distintas no que concerne aos seus temas, formas de mobilização e conjunturas políticas e econômicas, inúmeros autores<sup>7</sup> tem analisado que as chamadas jornadas de junho de 2013 e a atuação nelas de coletivos juvenis, em várias regiões metropolitanas do país<sup>8</sup> podem ser tomadas como uma espécie de “divisor de águas” quanto às formas de manifestação política nas cidades brasileiras, com destaque para o Movimento Passe Livre (MPL)<sup>9</sup>.

---

7. Podemos citar como exemplo: Falchetti (2017), Frúgoli Jr. (2018), Boito (2013), Braga (2013), Singer (2013a, 2013b, 2013c), Maricato (2013a, 2013b), Henrique (2013), Ghon (2014, 2018), Bucci (2016), Gohn (2014), Ortellado (2013), Solano (2014) etc.

8. Para Di Giovanni (2015b *apud* Frúgoli Jr., 2018, p. 77), “[...] Isso também nos remete, em um breve recuo temporal [...], a determinados eventos globais situados entre 2010 e 2011 (Gohn, 2014) que, de certo modo, informam e inspiram as referidas jornadas – como a ‘Primavera Árabe’ (na Praça Tahrir, no Cairo, ou na Praça Mohamed Bouazizi, em Túnis), os ‘Indignados’ (inicialmente em Madrid), ou o ‘Occupy Wall Street’ (em Nova York) –, a partir dos quais se podem enfatizar certas peculiaridades brasileiras”.

9. O Movimento Passe Livre (MPL), “[...] é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam há quase uma década para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade [...]”. Encontra-se presente “[...] em várias cidades do Brasil e lutamos pela democratização efetiva do acesso ao espaço urbano e seus serviços a partir da Tarifa Zero! O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre. Mas, antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005)”. Ainda, “[...] em 2006, o MPL realizou seu 3º Encontro Nacional, com a participação de mais de 10 cidades brasileiras, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Em 2013, impulsionado pela revogação do aumento em mais de 100 cidades, ocorreu o 4º Encontro Nacional” (MOVIMENTO..., s/d). Disponível em: <http://mpl.org.br>. Acesso em: 25 nov. 2018. Outras informações sobre o Movimento Passe Livre

## **As mobilizações de junho de 2013 e a emergência do Movimento Passe Livre (MPL): contexto e causas, características e objetivos, formas de organização e estratégias**

As mobilizações denominadas jornadas de junho de 2013 apanharam desavisadamente grande parte dos analistas sociais de diversas áreas, em particular no concernente à sua amplitude. De outro modo, salta aos olhos as inúmeras cidades onde ocorreram, o grande número de participantes jovens (ou da juventude)<sup>10</sup> e emergentes formas polí-

---

(MPL), na página oficial (<http://www.mpl.org.br>) ou em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/MovimentoPasseLivrempl/info>), nas páginas de coletivos como sua vertente paulistana, o MPL – SP (<http://saopaulo.mpl.org.br/>) ou no perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/passelivresp/info>) ou no site <http://tarifazero.org/mpl/>.

10. Ghon (2013b, p. 206), explica que: o “[...] conceito de juventude, associado à condição de ser jovem, aparece na literatura sociológica sob dois eixos articulatórios de questões, problemas e características. O primeiro é decorrente do pertencimento a uma dada faixa etária (onde também não há consenso), com ênfase em aspectos geracionais de uma determinada fase de vida. O segundo destaca aspectos socioeconômicos e culturais determinados pela situação de classe social [...]”. Acrescenta ainda que “[...] alguns autores afirmam que se deve falar no plural, juventudes, porque há múltiplas diferenças. Por sua vez, Braslawsky (1985 *apud* Spósito, 1994, p. 164), sob a ótica geracional, destaca que vários autores: “[...] já apontaram alguns elementos caracterizadores da condição juvenil que merecem ser retomados. A busca de autonomia, em redefinição constante frente aos laços de dependência com a família, e a transitoriedade constituem elementos estruturadores da sociabilidade juvenil [...]. Dimensão que produz, também, situações de liminaridade, traduzidas na contínua possibilidade de escolhas, na vivência de situações limite que podem resultar em alternativas que negam expectativas, regras e modelos dominantes de ordem e normalidade“. Sendo que, conforme Fischer e Schwertner (2012, p 404), tais “situações de liminaridade” são ainda mais extremas no que denominamos juventudes ou condição juvenil, ao constatarem que: “[...] quanto mais se modifica a contagem do tempo, quanto mais precisa ela fica, quanto mais milimetricamente conseguimos controlar e contar o tempo, mais frouxas e menos precisas se tornam a transmissão geracional e a demarcação de lugares entre jovens e adultos [...]”. E, nesse sentido, em concordância com leitura dos mesmos (2012, p. 404). Reforçando leitura do

ticas e organizacionais.

Quanto ao contexto de surgimento dessas mobilizações do MPL, uma análise crítica de Cardoso e Di Fátima (2013) esclarece-nos que as jornadas do mês de junho de 2013, em São Paulo – SP, constituem, na verdade, uma nova temporada de reivindicações do MPL iniciada no começo desse ano, uma vez que foi iniciada em fevereiro de 2013, em Porto Alegre, através do *Bloco de Luta por um Transporte Público* contra o novo aumento do preço da passagem. De toda forma, é necessário destacarmos que, embora os protestos de junho de 2013 do Movimento do Passe Livre (MPL) tenham sido apresentados pela imprensa – em geral – como dos representantes por excelência dessas manifestações, é importante atentarmos para o fato de que o MPL já tinha uma articulação nacional desde meados dos anos 2000, em várias cidades e com ideários políticos coletivamente elaborados por seus participantes.

Reforçando, portanto, a análise de Singer (2013c, p. 32), quando explica que o MPL “[...] inspira-se diretamente em revoltas ocorridas em Salvador (2003) e Florianópolis (2004)”. Destacando ainda que, “[...] na capital de Santa Catarina, o levante juvenil foi capaz de obter a lei do passe livre estudantil [...], [...] um elemento nas mobilizações [...]. Além do caráter anticapitalista [...]” das mesmas.

No que concerne à tentativa de compreensão das principais causas de mobilizações semelhantes ou de tal natureza, alguns teóricos já defendiam, em momento imediatamente anterior às jornadas de junho de 2013 no Brasil, que tais mobilizações tem como principais causas: 1) o questionamento da lógica do sistema capitalista, como encontramos em Tortosa (2011); 2) a questão da luta contra a tomada

---

historiador Eric Hobsbawm (2008), sobre as juventudes em tempos pós-industriais, com o advento de sofisticadas tecnologias de comunicação e informação.

da política pelo capitalismo financeiro, presente em Harvey (2012); 3) a profunda indignação contra as estruturas políticas partidárias e sindicais no âmbito da democracia atual, analisada por Safatle (2012); 4) a falta de perspectiva da juventude, como força motriz do movimento, explorada por Sandoval (1989); 5) a insatisfação com um Estado que teria se tornado um inútil “sorvedouro de recursos”, como identificamos em Resende (2013); 6) a emergência política de demandas pós-materialistas que tende a suceder a satisfação de problemas materiais, investigada por Inglehart e Welzel (2009); 7) o uso estratégico da internet com efeitos inovadores no que concerne à organização política e à reinvenção do tipo de representatividade e unidade política, interpretada por Cabral (2011); 8) a recriação de usos da internet e das redes sociais enquanto nova dinâmica alimentada pela potencialização da mobilização emocional, novos valores, compartilhamento de significados, troca de informações e perspectivas de transformação do poder instituído, examinadas por Zizek (2011) e Castells (2012); 9) disputa pelo controle do espaço público nas cidades modernas, estudada por Caldeira (2014); etc<sup>11</sup>.

Ao debruçarmo-nos sobre as principais características das mobilizações do MPL em questão, constatamos que essas são de ordem diversa, por exemplo: políticas, econômicas, espaciais, demográficas e culturais. No que tange aos fatores políticos, em Falchetti (2017) constatamos a abordagem segundo a qual essas jornadas de 2013 configuram um novo tipo de espaço político que tem como pano de fundo uma forte carência de objetivos concretos marcados por uma ampla

---

11. De acordo com Fontenelle (2016, p. 257), tal “[...] perfil de críticas e reivindicações também compõe grande parte das interpretações acadêmicas sobre as manifestações de junho, mesmo se observadas de diferentes espectros ideológicos (GOHN, 2014; FIGUEIREDO *et al.*, 2014; MARICATO *et al.*, 2013; CALDEIRA, 2014). Destacam-se: a questão urbana e a afirmação do direito à cidade; a má qualidade dos serviços públicos; e a desilusão com a democracia representativa [...]”.

quantidade de pautas que vão do desejo de mudanças nos sistemas social, cultural e político até reivindicações por institucionalização de novos direitos humanos e ampliação de políticas públicas, combinada à emergência de um novo tipo de autonomismo.<sup>12</sup>

Nessa linha, autores como Costa (2013) e Singer (2013c) defendem também como uma característica dessas mobilizações o desdobramento de uma tensão latente<sup>13</sup> entre jovens da periferia (“passe

---

12. De acordo com Falchetti (2017, p. 18), relacionado a “[...] uma reinvenção da ação coletiva, em que os formatos são mais fluídos”. Nessa, “[...] importam menos as estruturas fixadas e mais as experiências criadoras, de modo que os movimentos estariam existindo mais na construção coletiva que circula por meio dos atores e práticas, do que nas organizações que formalizam”. Para essa autora, trata-se, portanto, de “[...] uma concepção de ação coletiva no sentido mais literal de movimento, como um fluxo de ideias, causas, práticas, experiências e agentes”. E sintetiza que: “[...] esse talvez seja o sentido da emergência cada vez mais comum de ‘coletivos’ em lugar dos ‘movimentos sociais’ estruturados, uma mudança fortalecida e muito evidente desde junho de 2013 [...]. Especialmente nas grandes cidades do país”.

13. Tensão típica que teria se desdobrado durante as mobilizações de 2013 do MPL, na cidade de São Paulo, com diferentes graus de intensidade e participando como elemento importante na caracterização de diferentes fases das mesmas. Nesse sentido, por exemplo, Singer (2013c, p. 32), analisa esses acontecimentos dividindo-os em três fases, com duração aproximada de uma semana cada uma. Para esse autor, “[...] a ebulição foi iniciada por fração pequena, embora valorosa, da classe média, com mobilizações praticamente circunscritas à cidade de São Paulo nos dias 6, 10, 11 e 13 de junho [...]”. Sendo que, na primeira jornada (na avenida Paulista), “[...] havia um objetivo específico: a redução do preço das passagens do transporte público. As iniciativas seguiram o modelo adotado pelo Movimento Passe Livre (MPL) em anos anteriores. Convocados pelas redes sociais, os manifestantes percorriam e paralisavam grandes vias públicas por horas a fio, ao final havendo escaramuças com a polícia. O que foi igualmente verificado [...] na segunda jornada (zona oeste paulistana), com a cifra de presentes subindo, ao que parece, de 2 mil para 5 mil pessoas [...]”. Sendo que “[...] Na terceira convocação do MPL, para a terça, 11, outra vez reuniram-se cinco mil pessoas, mas houve verdadeira batalha campal com as legiões da ordem [...]. A repetição e intensificação dos embates levaram o governador paulista, Geraldo Alckmin, a anunciar um endurecimento [...]”. Assim, na quinta (13 de junho), manifestantes marcharam “[...] do centro da cidade até a rua da Consolação, sendo impedidos de prosseguir em direção à avenida Paulista [...]”. A partir daí, “[...] inicia-se repressão violentíssima, [...] tendo a PM atuado sem controle por horas [...] ‘cenas de guerra’ a céu aberto”.

livre”, “pula catraca”) e jovens de classe média (“sem vandalismo”), nas jornadas de junho do MPL, na cidade de São Paulo. Conflito que tem, como pano fundo político fundamental à compreensão de sua dinâmica, entre outras coisas, deficiências nos sistemas de representação atual e limitações à participação efetiva da cidadania. No mesmo sentido, Ghon (2013b) destaca a diversidade político-ideológica e a fragmentação discursiva como outra marca dessas manifestações, destacando ainda as performances violentas de ação direta por parte de alguns grupos.<sup>14</sup>

Quanto às características econômicas, encontramos em Singer (2013) fatores como precariedades em relação ao mundo do trabalho, moradia, mobilidade urbana, qualidade de vida etc., além da luta contra o desemprego e por melhores salários, caso de Pinto (2017)<sup>15</sup>. No que concerne à característica espacial dessas mobilizações, as mesmas apresentaram uma nova centralidade espacial articulada às redes, particularizada pelas lutas urbanas, encontramos leituras como as de Castells (2000) e Filho (2015). Em relação a fatores demográficos associados às mobilizações, temos, em Scarcelli e Medeiros (2014), que as que ocorreram em 2013 configuraram-se, de imediato, como desdobramento de lutas por transporte em São Paulo e contra a construção de uma cidade segregada. Com Zibechi (2013) e Scherer-Warren (2014)<sup>16</sup>, um olhar especialmente voltado para fatores de ordem cultu-

---

14. Sobre o tema, merece destaque artigo de Dowbor e Szwako (2013), no qual os autores analisam a *performance* do Movimento Passe Livre (MPL), particularmente a dramaticidade da violência e a alta dose de contingência das *performances* públicas, bem como as modalidades organizacionais levadas a cabo pelo mesmo.

15. Também conforme esse autor (2017, p. 129), “[...] em 2013, o Brasil tinha uma taxa de desemprego geral de 5,4% e entre os jovens a taxa era de 13,7%”.

16. Singer (2013c, p. 38-9), na mesma linha de Inglehart e Welzel (2009), analisa que “[...] os protestos teriam evidenciado a existência de uma nova agenda e de uma nova postura [pós-materialista] [...]. A forte presença de uma jovem classe média nas manifestações, como assinali antes, é naturalmente compatível com a

ral e de valores, demandas por reconhecimento, liberdade de expressão, luta contra opressões: de classe e gênero, de raça e geracionais etc.

No que concerne aos principais objetivos das jornadas do MPL de 2013, essas iniciaram-se por conta do aumento tarifário, em São Paulo, de R\$ 0,20, em junho, passando a tarifa de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Entretanto – no curso das manifestações –, foram trazidas à tona pelo movimento outras questões e reivindicações, tais como: mobilidade urbana para a população localizada nas periferias e, sobretudo, para os estudantes, além de críticas à lógica da máquina estatal e às contradições do espaço urbano capitalista; indignação contra a corrupção na política e os limites da democracia burguesa etc. (GHON, 2013b; SCHERER-WARREN, 2014; FRÚGOLI JR, 2018; LOWY, 2014)<sup>17</sup>.

---

ideologia de centro que acabou por ser dominante no auge do movimento [...]”. Embora destaque que, “[...] para trabalhadores de baixa renda ainda está posta uma agenda materialista, diante da qual esquerda e direita têm respostas nítidas: mais Estado, de um lado, e mais mercado, de outro [...]”.

17. Conforme Filho (2015, p. 22-3), as manifestações foram iniciadas e conduzidas, a maior parte, pelo movimento MPL, mas “[...] aos poucos foram se transformando e agregando diversos setores da sociedade e também muitos outros fatores. Assim, a população que inicialmente demonstrou sua indignação com o aumento das tarifas de transporte coletivo passou a destacar também outros pontos em que o país apresentava significativa deficiência sob o discurso dos ‘não são só 20 centavos’”. Desse modo, a indignação das centenas de milhares de pessoas que saíram às ruas passaram a centrar principalmente em questões como: Saúde, demandando mais hospitais e melhorias na infraestrutura e Mais médicos; Corrupção, destacando a alta incidência dessa no cenário político do país; Educação, destacando os inúmeros problemas referentes à precarização do ensino público no Brasil; Moradia, especialmente para aqueles que não a possuem, não conseguem crédito para tê-la, ou não conseguem saldar suas dívidas; Meio ambiente, contra as questões ainda referentes ao código florestal; contra a PEC-37; Cura Gay, manifestando-se contra a ideia de que a homossexualidade fosse uma doença e de que, portanto, necessitasse de cura e contra o Deputado Marco Feliciano, que foi tido como principal representante do projeto; etc. Além desses pontos, alguns fatos, como a precarização das relações de trabalho na educação básica e as muitas greves dos professores, a greve dos bombeiros no Rio de Janeiro, a desocupação de Pinheirinhos, os elevados investimentos para viabilizar a Copa do Mundo etc., também foram lembrados e motivaram as

Ao atentarmos para as principais formas de organização e estratégias de luta constatadas nas mobilizações em questão, identificamos, em várias abordagens, tais como observamos em Judensnaider *et al* (2013) e Ortellado (2018), análises nas quais destacam-se o reconhecimento das seguintes marcas distintivas: a) contra negociações de gabinete e disputa por espaços de poder; b) escolha da ação direta como forma de luta; c) valorização da horizontalidade e da democracia direta; d) criatividade das ações e radicalismo de princípios; e) centralidade da ação política em relação aos resultados práticos; f) forte sentido de tática e estratégia; g) modelo de ação na qual se encontram combinadas a política horizontalista e contracultural etc.

## **Fundamentação teórico-metodológica para uma análise de entrevistas produzidas com participantes das mobilizações do Movimento Passe Livre (MPL) nas jornadas de junho de 2013, em São Paulo**

Estamos de acordo com Alonso (2017) ao analisar que, entre as leituras que apareceram, já em 2013, sobre as jornadas de junho de 2013, em São Paulo, e que continuam recolocando-se, merecem destaque aquelas que procuram compreender esses eventos, conferindo centralidade ao cotidiano e dinâmica dos sujeitos do processo. Dessa forma, buscamos analisar como vão aparecendo novos atores e temas, na medida em que o ciclo do protesto vai se desdobrando. De outro modo, conferindo centralidade à memória<sup>18</sup> do próprio movimento.

---

peçoas a saírem às ruas.

18. De acordo com Pollak (1992, p. 6), a memória pode ser compreendida como: “um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como co-

Para tanto, do ponto de vista teórico-metodológico, fazemos uso da história oral<sup>19</sup> para análise de relatos de sujeitos dessas mobilizações, ou seja, entrevistas realizadas com ativistas ou não do MPL<sup>20</sup>, que participaram com regularidade das mobilizações. A escolha de tal método implicou na produção de 15 entrevistas realizadas presencialmente nos dias 11 e 24 de novembro de 2018, além de 8 e 9 de dezembro do mesmo ano, na cidade de São Paulo. Os depoimentos tiveram duração média de 53 minutos, apesar de 3 deles terem alcançado quase duas horas de duração. As transcrições foram realizadas na segunda quinzena de dezembro de 2018 e janeiro de 2019. Por questões éticas, as pessoas citadas abaixo são designadas apenas pelas iniciais do respectivo nome fornecido pelas mesmas (TOURTIER-BONAZZI, 1998).

A seleção dos(as) entrevistados(as) foi orientada por uma pesquisa prévia em canal oficial de informação do MPL (referido anteriormente) e por conversas exploratórias. A partir daí, foram agendadas as 7 primeiras entrevistas. Sendo que, após a realização de cada uma dessas, com base no procedimento bola de neve (*snow ball*),<sup>21</sup> foram

---

letiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

19. Thomson (2013, p. 04), refletindo sobre a função da história oral na contemporaneidade, esclarece que essa pode ser “[...] compreendida, enfim, como um meio moderno de produção de fonte histórica”, demonstrando sua eficiência na produção de uma história socialmente comprometida, o que demonstra a superação do vínculo apenas acadêmico do fazer histórico. Assim “surgem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica”.

20. Desenvolveu papel central, tanto no processo de produção quanto no de transcrição das entrevistas, a pesquisadora Claudia Naomi Sakashita. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação (UNICAMP – SP). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação (UNICAMP – SP). Graduação em Psicologia (UNESP – Bauru).

21. Segundo Vinuto (2014, p. 203): “O tipo de amostragem nomeado como bola

solicitadas sugestões de novos indivíduos com quem poderíamos conversar, até produzirmos o conjunto dos referidos depoimentos. Ademais, sem a pretensão de representar o universo dos manifestantes, realizamos 15 entrevistas com mulheres e homens.

Cada entrevista (de forma semidirigida) girou em torno de um conjunto de temas norteadores sobre as experiências e memórias de sujeitos que participaram nas mobilizações em questão, a saber: 1) as principais causas das mobilizações<sup>22</sup> do MPL; 2) o papel da grande imprensa brasileira no contexto dessas; 3) a reação da polícia militar de São Paulo; 4) a atuação da prefeitura e do governo de São

---

de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente, o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise. Dessa forma, apesar da aparência relativamente simples da amostragem em bola de neve, há diversas implicações que devem ser levadas em conta ao escolhê-la para o desenvolvimento de uma pesquisa. Nesse sentido, vários autores ressaltam que não se deve lançar mão desse tipo de amostragem se o objetivo da pesquisa estiver relacionado à probabilidade, já que isso não poderá ser alcançado com a bola de neve. Talvez a inexistência de poucos trabalhos sobre a amostragem em bola de neve”.

22. Especialmente, a profunda desigualdade que caracteriza as cidades brasileiras, impondo aos pobres a necessidade de morar nas periferias, em geral, distantes dos centros urbanos e muito carentes de serviços públicos. E ainda, tornando os segmentos de classe trabalhadora que vivem nessas áreas (com destaque para os jovens) extremamente dependentes do transporte coletivo para chegar ao trabalho e ao lazer. (MANOLO, 2004; OLIVEIRA, 2013).

Paulo; 5) as principais táticas e estratégias de organização e luta do MPL nesse contexto; 6) as distintas frentes político-ideológicas presentes no transcorrer dos protestos de junho de 2013; 7) a reação do MPL frente ao crescimento de reivindicações associadas, sobretudo, ao crescimento de demandas conservadoras no âmbito das jornadas de junho de 2013; e 8) os principais sentimentos vivenciados no cotidiano dessas mobilizações. Sendo que a escolha de tais questões está orientada por nosso objetivo de procurar compreender melhor os modos como as experiências cotidianas de indivíduos que participaram no cotidiano das mobilizações em questão permeiam processos de subjetivação e territorialização, articulações entre memória individual e memória coletiva. Ao mesmo tempo, de um lado, problematizando uma memória oficial sobre essa “cidade das letras” (RAMA, 2015) e a ideia dominante do urbano aliada a ela. De outro lado, jogando luz sobre outras memórias associadas a lutas e reivindicações, movimentos sociais e sujeitos, historicamente silenciados no cotidiano da mesma.

As entrevistas foram realizadas na cidade de São Paulo entre novembro e dezembro de 2018 e foram transcritas em janeiro de 2019. Cabendo destacar que nem todos os depoimentos produzidos foram analisados no âmbito desse artigo. No mesmo sentido, procuraremos, na medida possível, atermo-nos apenas ao papel desempenhado pelo MPL nos eventos em questão nas jornadas de 2013, ou seja, não exploraremos seus desdobramentos nos anos posteriores uma vez que isso extrapola nossos objetivos.

A partir dessa etapa, buscamos compreender, a partir das narrativas desses sujeitos (optando em manter as falas como ditas),<sup>23</sup> o modo

---

23. Esta opção, no âmbito da abordagem qualitativa em questão, deriva da compreensão de que o objeto de investigação social em tela, os sujeitos desse estudo: “[...] são pessoas em determinadas condições sociais, pertencentes a determinado

como – individual e coletivamente – experimentaram essas mobilizações, ao mesmo tempo participando ativamente na construção de um novo paradigma de participação política, reforçando uma memória emergente sobre o urbano e a cidade.<sup>24</sup>

## **Uma análise qualitativa do Movimento Passe Livre (MPL) nas jornadas de junho de 2013, em São Paulo, com base na história oral**

A história oral tem se afirmado como meio fundamental para recuperação e reflexão sobre a experiência de sujeitos que vivenciaram o cotidiano de movimentos sociais. Nesse sentido, os depoimentos orais assumem centralidade no esforço de ampliarmos as fontes sobre o assunto, proporcionando maior alcance de compreensão sobre aspectos (econômicos e políticos, organizacionais e ideológicos, culturais e subjetivos etc.) da dinâmica de tal fenômeno. Nessa linha, cabe destacar que a opção por tal caminho teórico-metodológico implica em um diálogo entre produção de depoimentos orais e suas articulações com a história oral e a memória diretamente relacionado à intenção “[...] de gerar atitudes políticas instruídas através da experiência das pessoas que viveram processos repressivos ou exclusão social [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 78).

Assim, concordamos com Araújo Vieira e Khoury (1992, p. 105-6) quando, tal como encontramos em reconhecida literatura nacional

---

grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (MINAYO, 1993, p. 22). Sendo que tais condições são também constitutivas das particularidades de suas falas.

24. De forma complementar e indireta, acessamos também outras fontes, a saber: reportagens publicadas em grandes jornais, no contexto das jornadas de junho de 2013, reunidas pelo Observatório da Imprensa. Embora não tenhamos analisado e/ou citado nenhuma das mesmas, dado que não era nosso objetivo nesse estudo.

e internacional sobre essa discussão<sup>25</sup>, destacam que pensar a história oral dentro de uma temática definida implica em termos em conta alguns pressupostos, tais como:

[...] o movimento social é construído pelos sujeitos em ação, a partir do modo como [compreendem] sua função na realidade social e a sua própria função nele [...]. A trajetória individual dos sujeitos ilumina uma dimensão dos fatos coletivos, e a experiência realiza-se tanto a partir de escolhas racionais, como de emoções, valores, aspirações [...]. Na coleta de depoimentos individuais, o pesquisador deve atentar para a influência que a experiência presente exerce sobre a narração do sujeito [...] [ainda] o lembrar não é somente reviver o passado ou recuperá-lo, mas reconstruí-lo, repensá-lo com imagens e ideias do presente [...]. [Na prática] de história oral [...] entrevistador e entrevistado tornam-se atores de uma mesma experiência [...]. [A necessidade de termos clareza de que o] documento assim produzido [implica na] impossibilidade de ignorar o elemento memória, ou seja, a atribuição de significados que o depoente acrescenta a sua experiência social, assim como o entrevistador, ao escutar a narrativa e ao sistematizá-la [...].

Essa breve discussão que acabamos de desenvolver teoricamente, sobre produção de fontes orais, história oral e memória, será agora desdobrada. De outro modo, encontrar-se-á configurada enquanto parte constituinte e constituída de nossa prática reflexiva sobre as experiências de indivíduos configuradas no âmbito da atuação do MPL nas jornadas de junho de 2013, em São Paulo. Desse modo, como explicam Araújo Vieira e Khoury (1992), podemos afirmar que os pontos acima elencados influenciam os procedimentos relativos às entrevistas a serem analisadas.

Analisaremos agora, pois, os depoimentos em questão, tomados

---

25. É o caso de autores como: Bertaux (1981), Thompson (1992); Le Goff (1994), Halbwachs (2004, 2013), Nora (1993), Benjamin (1985), Joutard (1983, 1996); Jannoti (1996), Montenegro (1992), Prins (1992), Certeau (2000), Ferreira e Amado (1998), Perrot (1998), Portelli (1997a, 1997b, 1998), Ricoeur (2007).

enquanto saberes práticos – incorporados – de classe (FERREIRA, 2012). A análise parte, nesse contexto, do compósito de constituintes culturais, territoriais e subjetivos desses sujeitos e que nos remetem a uma memória coletiva relativa às mobilizações objeto de nossa análise. Exercício que levaremos a cabo ao problematizarmos a fala de cada um dos entrevistados tendo como referência as questões semidirigidas (anteriormente referidas) que compuseram o norte constitutivo da produção das entrevistas. Nesse sentido, quando perguntamos a J. L.<sup>26</sup>, uma das ativistas do MPL e protagonista das jornadas do MPL em 2013, em São Paulo, e que esteve envolvida desde o início nessas mobilizações. Sobre as principais causas das mobilizações, ela nos diz:

Ah... inicialmente foi o preço da passagem. Preço da passagem foi de 3 para 3,20 e o MPL, como já mobilizava um tempo, bem antes se posicionou contra isso. Isso foi no início, agora eu não sei [...] depois do dia 15 e 17 [...] outras pautas, foram várias outras [...], mas eu fui mesmo pela questão do passe.

Essa compreensão sobre a causa principal que detonou as mobilizações levadas a cabo pelo MLP em junho de 2013, na cidade de São Paulo, é um elemento recorrente em 12 de 15 das entrevistas realizadas, embora somente 8 dessas sejam alvo de análise e discussão no espaço desse artigo. É o caso – apenas para citar algumas – de A. B. N. C.<sup>27</sup>, que nos explica: “[...] eu sabia desde o primeiro momento, né? [...] que a luta do MPL era o passe livre né? Uma coisa que eu

26. J. L., nascida em Florianópolis – SC, 31 anos em 10/11/2018 (data na qual foi entrevistada, em São Paulo, capital), 23 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013 nessa cidade. Atualmente, mestre em Ciências Sociais e atendente de cafeteria.

27. A. B. N. C., nascido no Rio de Janeiro – RJ, 33 anos em 10/11/2018 (data na qual foi entrevistado, em São Paulo, capital), 25 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior incompleto e publicitário.

sabia, que me afetava diretamente [...]. Mas era uma pauta que me interessava, o preço da mobilidade né? [...]”. Algo semelhante também encontramos na fala de R. S. dos R.<sup>28</sup>: [...] Até o dia 13, era marcante que a pauta era transporte, o valor né? o aumento da passagem [...], mas, no dia 17, ficou bem claro de que a algo tinha mudado. E, a partir daí, eu acho que as causas se diluíram [...].

Na mesma linha, nos relata C. L. P.<sup>29</sup>: “[...] eu creio que é o descontentamento do povo contra os governantes e contra o abuso né? do preço das passagens [...]. Os aumentos abusivos do transporte né? [...]”. Esses depoimentos expressam uma percepção generalizada entre os atores do MPL sobre a principal causa do conflito, a causa imediata. Embora, de forma menos recorrente, 6 de 15 depoentes citam também o descontentamento com o atual sistema democrático representativo e a corrupção como principais motivações que teriam levado esses jovens a aderirem às mobilizações. É o caso de, por exemplo, de W. M.<sup>30</sup>, quando afirma: “[...] além disso, né? eu saí pra rua e muita gente também, contra essa corrupção e o comportamento desses políticos [...]”

Passando à segunda questão do conjunto de perguntas dirigidas aos depoentes, quando J. L. é indagada sobre o papel da grande imprensa brasileira nas manifestações em questão, a mesma nos relata:

---

28. R. S. R, nascido em Londrina – PR, 32 anos em 24/11/2018 (data na qual foi entrevistado, em São Paulo, capital), 24 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior em Analista de T.I. em Desenvolvimento e desempregado.

29. C. L. P., nascida em Ponte Nova – MG, 39 anos em 24/11/2018 (data na qual foi entrevistada, em São Paulo, capital), 34 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Ensino médio completo e desempregada.

30. W. M., nascida em São Paulo – SP, mora em Higienópolis – SP, 55 anos em 10/11/2018 (data na qual foi entrevistada, em São Paulo, capital), 50 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior completo em Administração, profissional liberal.

[...] Não tem como negar né? e nem ignorar a importância que a mídia teve em 2013 [...], marcante foi a mudança de postura que a mídia teve no decorrer aí dos protestos né? [...]. Quando os atos começam, lá no dia 9, se eu não me engano, foi dia 9 de junho, coisa assim [...], a imprensa teve uma postura de condenar o protesto [...]. Chamavam as pessoas de vândalo, baderneiros e muito associado também às pessoas que andavam de preto, mas igual black block era uma minoria né? Depois de um tempo, eles responsabilizavam esses pequenos grupos como uma minoria baderneira [...] e começam a valorizar os protestos né? Aí, no dia 15, saiu uma multidão na rua. Aí a postura da imprensa passou a ser outra [...]. Penso que tem muito a ver com a mudança da postura das pessoas nas redes sociais, muitos comentários das pessoas com rejeição à rede Globo e às demais emissoras [...]. É uma opinião minha que ela [a grande imprensa] passa a apoiar [...] os manifestantes, ao mesmo tempo condenando outros [...]. Também dizendo [...]: não é só pelos 20 centavos. Aí teve, assim, essa abertura de pauta e, eu sei, lá teve uma apropriação do movimento [...], pautas foram acrescentadas [...] e [...] teve uma apropriação do movimento.

Sentidos semelhantes são atribuídos ao papel da grande imprensa (televisiva e impressa) no contexto das mobilizações de junho de 2013, em São Paulo. É o que encontramos, por exemplo, na fala de G. F. da S.<sup>31</sup>: “[...] sim, o movimento começa né? com a luta do MPL. Desculpa, com aquela questão dos 20 centavos né? [...]. Na verdade, foi uma espécie de estopim, porque existia uma insatisfação latente, tinha um ódio mesmo ali, guardado né? tava só esperando uma oportunidade para extravasar [...]”. Ou ainda, no mesmo sentido, significados que encontramos no seguinte fragmento de depoimento de W. M.: “[...] então, em relação às causas né? da mobilização do passe livre, era contra o aumento da passagem né? [...], porque tem estudos

31. G. F. S., nascido em São Bernardo do Campo – SP, mora no Capão Redondo, 34 anos em 24/11/2018 (data na qual foi entrevistado, em São Paulo, capital), 29 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior completo em História e professor de História no município de São Paulo.

que mostram que as passagens podem ser subsidiadas. Então, foi um movimento contra o aumento da passagem aqui em São Paulo [...]”.

Uma novidade política importante nas mobilizações de junho de 2013 do MPL, expressa na maioria das entrevistas realizadas, é a centralidade conferida à ideia de sentir-se parte de grande momento histórico e partilhar as experiências daquele momento com as demais pessoas. De outro modo, uma forte percepção desses sujeitos enquanto atores que podiam contribuir ativamente para transformar o mundo, para ressignificar processos sociais e políticos transformando a rua em um campo de batalhas e possibilidades.

Destacamos, nesse sentido, somente a título de exemplo, a parte da fala de J. L., quando essa relata: “[...] aí, no dia 15, saiu uma multidão na rua, aí a postura da imprensa passou a ser outra [...]”. Na mesma linha, é muito recorrente, nas entrevistas realizadas, a ideia de que junho de 2013 foi experimentado como um novo, grande e incomparável momento de uma luta coletiva que já existia e que dava um grande passo adiante, apesar dos sentimentos de medo e confusão compartilhados. A experiência comum partilhada de junho de 2013, ao mesmo tempo que transforma formas de perceber e estar em público, reinventa modos de sentir, fazer, pensar desses indivíduos (CERTEAU, 2012).

As palavras de J. L. – citada inicialmente – também nos ajudam a compreender melhor questões sobre a reação da polícia militar de São Paulo em relação às mobilizações. A entrevistada sustenta que isso:

[...] teve mudanças né? No início das manifestações teve, especificamente no dia 13, teve muita pancadaria, eu mesma levei gás de pimenta. Aquelas coisas lá, ardido na cara, correndo de polícia, barulho, barricata. Eu me lembro que, nesse dia 13, foi muita pancadaria. A gente ia para um lado, a polícia cercava, aí a gente corria para o outro, a polícia cercava [...], e aí a gente não tinha como correr e eles

batiam [...] aí, no dia 15 ou 17, eles ficavam só olhando.

Tal compreensão sobre a reação da polícia em relação às mobilizações do MPL encontra eco em outras falas, tal como observamos em M. N.<sup>32</sup>, quando afirma: “[...] o engraçado é que a violência policial a princípio foi mais forte. Depois de uns 3 atos, que começou a pipocar ato no país todo, inclusive em cidade pequena, eles começaram a pegar mais leve né? [...]”. Ou ainda, para nos limitarmos à referência de apenas mais dois casos nessa linha, quando J. A.<sup>33</sup> expõe que: “[...] como toda manifestação, a PM demonstrou violência excessiva, sem preparo para tal acontecimento [...]”. E quando G. F. da S. narra que: “[...] a princípio foi uma reação ostensiva né? [...], foi imposição do medo. Até o dia 14, foi uma violência absurda que eles despejaram sobre os estudantes, sobre nós né? [...], depois começa mudá um pouco né? [...]”. Em muitos desses depoimentos, como é o caso de J. L. e G. F. da S. (além da maioria das entrevistas realizadas), em resposta a essa e outras questões, devemos destacar também um traço recorrente nessas dinâmicas de rememoração, qual seja, um esforço de situar, em geral, através de marcadores temporais, às vezes espacialmente, ou ainda de forma temporal e espacial, a ação coletiva. Ao mesmo tempo, uma forma de afirmação de singularidades no âmbito da experiência comum partilhada em questão.

Ao voltarmos para a busca de compreensão sobre a atuação do prefeito Haddad e do governo Geraldo Alckmin à época, a partir

---

32. M. N., nascida em Apucarana – PR, atualmente mora em Lorena – SP, 28 anos em 24/11/2018 (data na qual foi entrevistada, em São Paulo, capital), 23 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior completo em Pedagogia.

33. J. A., nascida em Grajaú – São Paulo, atualmente mora em Campinas – SP, 23 anos em 10/11/2018 (data na qual foi entrevistada, em São Paulo, capital), 18 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. Curso superior incompleto de Engenharia Ambiental.

de um olhar centrado nos sujeitos das jornadas de 2013 (particularmente aqueles ligados ao MPL), encontramos, nas palavras de J. L., elementos fundamentais para uma análise crítica das relações entre o MPL e as instituições políticas, quando relata que: [...] tanto o Haddad quanto o Alckmin eles condenaram os protestos [...]. Seguindo o discurso da mídia né?, tanto governo como o prefeito se opuseram às manifestações, inclusive negaram reuniões com os manifestantes em determinados momentos [...], só cederam depois, quando o negócio ficou muito grande<sup>34</sup>. Ponto de vista que partilha, por exemplo, com O. de S.<sup>35</sup>, ao falar:

[...] no começo, eles ignoraram completamente [...]. Eles discriminizaram<sup>36</sup> o movimento, apontaram os blackblockers, os infiltrados [...]. A partir do momento que eles viram que o movimento ia crescer e que não tinha mais jeito, aí os dois se uniram para revogar o aumento [...]. E aí é importante dizer que dois governos com ideologias opostas, partidos opostos, agiram da mesma maneira do começo ao fim [...].

Ao mesmo tempo, a complexidade do fenômeno das jornadas de junho de 2013, em São Paulo, permite que encontremos compreensões bem diversas entre seus atores no que concerne à relação entre o MPL e o poder instituído – em particular, a atuação da prefeitura à época, representada pelo prefeito Fernando Haddad, do *Partido dos*

---

34. A depoente, nessa mesma entrevista e no âmbito dessa questão destaca ainda: “[...] durante o evento, a gente começou a publicar tudo que acontecia pelo Facebook”.

35. O. de S, nascido e residente em São Paulo – SP, 39 anos em 24/11/2018 (data na qual foi entrevistado, em São Paulo, capital), 34 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. cursando doutorado em Educação.

36. O termo em questão é usado pelo depoente no sentido de discriminação. Ação baseada no preconceito ou racismo, em que o indivíduo recebe um tratamento injusto apenas por pertencer a um grupo diferente.

*Trabalhadores – PT.* Assim, temos que R. S.<sup>37</sup>, ativista que participou das mobilizações de 2013, se distancia da compreensão que encontramos nos olhares acima, de J. L. e O. de S., ao explicar que, na sua opinião:

[...] a Prefeitura de São Paulo [...], o Haddad, eu acho que sentiu muito magoado traído, sendo incompreendido [...]. Ele apresentou uma proposta na campanha e ele tava implementando uma proposta que tinha sido aceita pela cidade nas urnas [...]. Além disso, tinha uma dificuldade dele abrir um diálogo e consultar negociações [...]. Também o movimento não estava também a fim de conversar nos moldes tradicionais [...]. Não é assim, tipo, a gente acha que tem que revogar o aumento para ter qualquer tipo de conversa e pronto! [...]. E tem mais, sabe?, [...], à medida que foi havendo maior violência, a própria base histórica do PT foi se incomodando com isso [...]. Muitos militantes da base do PT já participaram de movimentos do Passe Livre, eram a favor do MPL, no começo do movimento [...], mas as contradições internas se afloraram [...]. Agora, do lado do Alckmin, não havia vontade de negociar [...], é o que controla a polícia né? [...], é o que azeda tudo [...], não tinha nenhuma manifestação de vontade de negociar.

Compreensão, de certo modo, compartilhada por J. A., quando narra:

[...] lembro que o Alckmin não queria diálogo e muito menos tirar o aumento, já a prefeitura, o Haddad queria diálogo, porém não tinha muitas opções de tirar o aumento, pois iria influencia no orçamento das creches, tanto que, no fim da gestão dele, ele não conseguiu chegar na meta de creches, mas não teve o aumento da tarifa [...].”

No mesmo sentido, além de R. S. e J. A., quatro outros/as entrevis-

---

37. R. S., nascido e residente em São Paulo – SP, 33 anos em 10/11/2018 (data na qual foi entrevistado, em São Paulo, capital), 28 anos à época de sua participação nas mobilizações de junho de 2013, nessa cidade. cursando Sociologia e curso de História iniciado, mas com matrícula provisoriamente suspensa, faz “bicos” para sobreviver.

tados/as, de um total de 15, compartilham de tal ponto de vista sobre diferenças que devem ser reconhecidas no que concerne ao relacionamento do governador Alckmim e do prefeito Haddad com o MPL nas jornadas de junho de 2013.

Na busca de uma melhor compreensão relativa às formas como esses sujeitos percebem o que consideram as principais formas de organização e de luta do MPL nas mobilizações de 2013, em São Paulo, outra vez, encontramos, em parte do depoimento de J. L. (considerando que a mesma já havia participado de protestos em anos anteriores do MPL), importante apoio para alcançarmos o que nos propomos. Assim, temos a seguinte resposta dessa narradora diante de tal questão:

[...] ah tá [...] você sabe né? [...] o MPL, desde muito antes, nós já tínhamos muitas questões [...], a gente visitava muitas escolas, íamos para as escolas de periferia né?, nos dividíamos para ir às escolas conversar sobre a questão do transporte; então, nos protestos tinha muitos estudantes secundaristas né?, devido à ação espalhada né?, nas escolas de ensino médio. Então nós discutíamos já a questão do passe livre nesses lugares né? [...].

Essa busca de compreensão que nos leva a colocar tal questão para J. L. também nos aproxima do depoimento do G. F. da S., em particular, quando o mesmo ressalta que:

[...] É, desde 2002, 2003, desde a origem do MPL, que eu comecei a participar no movimento [...], depois de Salvador, de Floripa, Londrina, Vitória [...], foram surgindo grupos do MPL em todos os estados [...] em 2005, chamaram uma plenária para acontecer lá na Unicamp [...]. Eles queriam aprovar a carta de princípios do MPL a nível nacional, uma espécie de fundação do MPL nacional e aí a gente participou né? [...]. A minha corrente é a corrente planetária [...], mas tinha muitas outras correntes, somos bem diversificados [...]. A luta pelo transporte público e pela cidade não começou com

o MPL, começou bem antes [...]. Só que a gente é muito aguerrido no aspecto da defesa da ação direta como método da organização de base [...] Isso nós temos [...], tem também a defesa que fazemos do princípio da horizontalidade, embora nem sempre fácil de pratica [...]. Apesar disso, pra mim, o MPL mostrou muita capacidade de mobilização, de atos grandes né?, intensos [...], tem muita multiplicidade, diversidade no movimento [...], tinha muitas correntes de esquerda participando também, mais no início MPL como eu falei, inclusive de partidos [...].

Na fala desse último depoente, ganha destaque, como um dos elementos centrais do cotidiano das mobilizações de junho de 2013 do MPL, a forte presença da multiplicidade no mesmo expressa em um fragmento da narrativa do mesmo quando afirma “[...], tem muita multiplicidade, diversidade no movimento [...]”, no âmbito da qual emergem inúmeras singularidades, grupos, subgrupos e conflitos inerentes à ação coletiva. Igualmente importante destacar é o reconhecimento, por esse entrevistado, a exemplo de inúmeros outros, do MPL enquanto movimento distinto dos chamados novos movimentos sociais e dos partidos políticos, é o que se encontra registrado quando o mesmo expressa: “[...], tem também a defesa que fazemos do princípio da horizontalidade, embora nem sempre fácil de pratica [...]”. A fala e a trajetória política do entrevistado – mas não apenas do mesmo – contribui ainda para desconstruir a representação muito difundida na grande imprensa (televisiva e impressa), à época, de que tais mobilizações seriam algo pontual e desprovido de organização. Observamos isso, por exemplo, quando diz: “[...] é, desde 2002, 2003, desde a origem do MPL, que eu comecei a participar no movimento [...]”. O que é reforçado, apenas a título de exemplo, pelo seguinte fragmento da fala de J. L., quando essa afirma: “[...] o MPL, desde muito antes [...]) a gente visitava muitas escolas, íamos para as escolas de periferia né? [...], conversar sobre a questão do transporte [...]”.

Conforme a sequência do conjunto de questões semidirigidas que definiram a modalidade de questionário a partir do qual as entrevistas foram produzidas, passemos pois agora a buscar aprofundar nosso entendimento sobre o modo como tais sujeitos – não raramente – elaboram questões relacionadas: a) às distintas frentes político-ideológicas presentes no transcorrer dos protestos; e b) à reação do MPL frente ao crescimento de reivindicações associadas, sobretudo, ao crescimento de demandas conservadoras no âmbito das jornadas de junho de 2013. Em relação à primeira dessas duas questões (sexta questão elencada no conjunto da entrevista), J. L. discorre:

[...] era mais movimento de esquerda, o MPL ele não... não se denomina de nenhum partido, mas ele se posiciona como um movimento de esquerda né?, ou seja, Passe Livre, periferia, enfim [...]. Quem apoiou o movimento no início foram os partidos de esquerda e os partidos menores, muitos partidos né? (tipo grupos do PSTU, PT, PSDB, entende?), presentes na juventude [...]. Eu mesmo não sou de direita nem de esquerda [...] e não tinha tanto essa discussão (eu sou de direita, eu sou de esquerda), a coisa era bem fluida. Mas depois, começô entrá outra coisa estranha, outras frentes político-ideológicas [...], muita gente de direita começou a participar [...]. Eu sei que me associo a isso, não mesmo! [...].

No que tange à segunda das duas questões acima referidas (sétima questão elencada no conjunto da entrevista), a mesma depoente acrescenta:

[...] depois do início, depois da gente né?, muitas outras coisas estranha iam para rua também né?, esse tipo de coisa, de mobilização estranha, inclusive, essa coisa também tomo conta das redes sociais, muita gente do MBL, por exemplo, começo a se manifestá [...]. Aí o movimento, o MPL né?, disse: olha, nós somos apartidários, mas nós não somos antipartidários, a presença de partidos que apoiam nossa manifestação, ela é bem-vinda [...], mas quando a gente conseguiu a revogação do aumento, saímos das rua [...], paramos de organi-

zar [...], saímos. Aí outros processos foram acontecendo, mas não necessariamente organizados pelo MPL [...]. Tipo, me lembro que cresceu as manifestação explícita do MBL [...], do “Vem Pró Rua” [...]. Eu acho também que esses movimentos estavam tomando um rumo meio estranho [...]

A emergência de uma frente conservadora no contexto das jornadas de junho de 2013 é um elemento do fenômeno em análise que perpassa onze das quinze entrevistas realizadas com ativistas e não ativistas do MPL que participaram das mobilizações aqui consideradas. Trata-se de memória experimentada pelos mesmos com certa surpresa e desencanto. É o que observamos, por exemplo, nesse fragmento de fala de M. N.: “[...] é isso, acho que ninguém estava muito preparado pra ver juventude de direita organizada em movimento social, porque isso não se vê no Brasil há algum tempo [...]”. E, com certo tom de desabafo, declara: “[...] eles vieram com uma pauta apolítica e isso deixou muita gente confusa [...], deu uma balançada forte na gente, porque foi despolitizando a massa [...]”. Rememora demonstrando frustração: “[...] ninguém achou que ia vingar muito e esperávamos que logo ia perder respaldo, mas os caras começaram a entrar na política de cabeça e despolitizar fortemente as pautas progressistas [...]”. A depoente, em tom de autocrítica, encerra esse trecho de sua fala com olhar distante e vago: “[...] é isso, acho que o movimento não conseguiu passar um olhar crítico sobre esses grupos [...], enquanto crescia o crédito que a população acabou dando a eles [...]”.

Esses fragmentos de depoimentos de J. L. e M. N. são representativos de vários outros entrevistados. Ao mesmo tempo, nos permitem concluir que a emergência dessa frente conservadora (em um contexto no qual o MPL encontrava-se atravessado por inúmeros tensões e clivagens) estimulou, nesse movimento, um processo de configuração uma percepção e memória compartilhada sobre o significado polí-

tico das pautas reativas, que passaram a ganhar visibilidade e força nesse contexto, agregando milhares de jovens e não somente nas ruas e nas redes sociais. Contribui ainda para um processo de consolidação (nesse contexto) do MPL enquanto uma comunidade política e de valores que perpassam os intensos e referidos conflitos internos político-ideológicos, sem harmonizá-los.

Um último tema foi abordado em cada uma das entrevistas realizadas, por compreendermos que processos de territorialização e subjetivação associados à dinâmica de construção desses sujeitos no âmbito das mobilizações do MPL em junho de 2013 não podem prescindir do reconhecimento da dimensão dos afetos e sentimentos<sup>38</sup> no cotidiano dos protestos em questão. Nesse sentido, C. L. P., ao ser questionada sobre quais foram os principais sentimentos e/ou afetos que a mesma sentiu nas mobilizações de junho de 2013, em São Paulo, relembra: “[...] sabe, eu tive muito medo, no início era muito o medo da PM, parecia cenário de guerra, mas depois que a jornalista da *Folha* foi atacada, a imprensa mudou de lado, a PM diminui a violência, então ficou menos pior [...]”. O medo parece configurar-se como um sentimento fronteiriço e central entre o poder instituído da cidade e o poder instituinte que emerge do cotidiano das mobilizações da MPL.

---

38. Para Deleuze (2002, p. 56), “afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes. [...] Dessa forma, os afetos (alegria/tristeza) dizem respeito a estarmos sujeitos aos aumentos e também diminuições de nossa potência de agir” (DELEUZE, 1978). Acrescentando que: “[...] os afetos que mobilizam um grupo se definem pelas forças de coesão e difusão, que aglutinam tensionam e reorganizam coletivos. A partir de situações, fenômenos e eventos que produzem diferentes sentidos de integração entre seus membros [...]”. Nesse sentido, “[...] uma comunidade produz ora mais ora menos afetos aglutinadores, apoiados tanto em sentimentos de pertença e cumplicidade, construindo experiências de solidariedade, quanto em sentimentos de divergência, tensionando e buscando, de forma mais ou menos bélica, campos possíveis de negociação [...]”, complementam Da Costa e De Castro e Silva (2015, p. 287).

De tal forma que – não coincidentemente – o sentimento de medo figura com forte visibilidade em 12 das 15 entrevistas realizadas, resultante do processo de rememoração de tais experiências por parte desses sujeitos.

Isso reforça a análise de Tarrow (2013), segundo a qual os sentimentos alimentados pela luta são muito importantes no estabelecimento de vínculos entre sujeitos, sentidos provisórios de pertencimento e de comunidade. Ainda, conforme Melucci (1996), a experiência cotidiana de sentimentos como medo, potência e outros mais, já referidos constantes nas narrativas de nossos depoentes, revela, ao mesmo tempo, uma dinâmica de construção de sentimento de solidariedade entre esses sujeitos que perpassam a heterogeneidade do movimento. Mas o medo não foi o único sentimento presente nos relatos desses depoentes durante as mobilizações. Nessa linha, J. A. relembra que:

“[...] tinha uma sensação de confusão misturada com um sentimento de responsabilidade também [...], que tem que sair para rua, de não ficar parado, de poder fazer alguma coisa [...]. É isso que eu senti na época e hoje, vários anos depois, eu ainda me orgulho de ter estado lá, sabe?, de ter feito parte disso, desde o início [...]. [E destaca com grande sorriso e satisfação que:]”[...] também foi bem emocionante porque tinha ainda sentimento de força e adrenalina quando nos juntávamos nas mobilizações, quando ocupávamos, tanto que dava até medo de perde o foco. E, claro né?, era muita sensação de poder também quando, no final dos protestos, eu ia fazê meus próprios relatos nas redes sociais, Facebook, principalmente [...]”.

O sentimento de confusão presente na fala da mesma (e não somente), aponta para uma forte falta de clareza sobre o que desejavam ou sobre os novos rumos que o movimento deveria assumir. Importante também destacar a percepção da participação nas mobilizações de junho de 2013 como uma experiência coletiva marcada pela ideia

e sensação de potência ressignificante de uma memória oficial da cidade-mercadoria, tal como constatamos quando J. A. lembra emocionada que “[...] tinha ainda sentimento de força e adrenalina quando nos juntávamos nas mobilizações, quando ocupávamos [...]”.

Também para essa depoente, como consta no seu relato, outro ponto fundamental é que a luta – a disputa – não ocorra somente nas ocupações e ruas, mas igualmente nas redes sociais. Tal como encontramos na seguinte parte da sua fala: “[...] no final dos protestos, eu ia fazê meus próprios relatos nas redes sociais, Facebook, principalmente [...]”. Atitude que revela uma característica central desse tipo de movimento. Trata-se de um elemento dessas mobilizações, também intimamente articulado à dimensão política cotidiana dos afetos no âmbito das mesmas. Assim, para a entrevistada, suas postagens constituem uma forma de alimentar seu vínculo com a massa de manifestantes e, ao mesmo tempo, afirmar-se subjetivamente.

## Considerações finais

A partir de uma análise prévia de bibliografia nacional e internacional especializada, estabelecemos relações entre processos de reconfiguração das mídias e grandes cidades no contexto do neoliberalismo e a emergência de várias formas de ativismos nas mesmas. Nos debruçamos sobre uma forma específica desse “novíssimo” tipo de movimento social, ou seja, as mobilizações do Movimento Passe Livre (MPL) que ocorreram em 2013. Resultou disso a identificação de uma tendência dominante no conjunto das análises sobrerrealizadas, que procurou destacar, em particular, elementos contexto e causas, características e objetivos, formas de organização e estratégias de tais protestos.

Na sequência desse exercício, procuramos discutir as dimensões subjetiva e coletiva desses movimentos sociais no país, tomando como estudo de caso experiências cotidianas de indivíduos que participaram, como ativistas ou não, nas mobilizações do MPL em junho de 2013, em São Paulo. O eixo que guiou nossa análise – tomando como fundamentação teórica e metodológica a história oral – foi a busca de uma melhor compreensão relativa aos vínculos entre processos de subjetivação, identidade e ação coletiva e suas interfaces com dinâmicas específicas da memória individual e coletiva associadas a relações de aceite e tensão com a memória oficial da cidade de São Paulo e uma ideia dominante de urbanidade e cidadania relativa à mesma.

Nessa linha, analisamos 10 entrevistas, de um total de 15, realizadas na cidade de São Paulo, com pessoas que participaram das mobilizações em tela. Exercício que permitiu compreender processos através dos quais esses sujeitos em questão elaboram para si, não apenas sua participação nas mobilizações, mas também dinâmicas de ressignificação da própria ideia de espaço público e cidadania associada à cidade-mercado. Nas entrevistas, também ficou clara a centralidade das experiências coletivas compartilhadas nas ruas e nas redes sociais enquanto elemento central para a compreensão das memórias cidadinas silenciadas ou emergentes, bem como perpassando as configurações de uma multiplicidade de singularidades.

Inúmeros depoimentos também trouxeram à tona o MPL, desde as suas origens no início dos anos 2000, já figurando fortemente marcado pela presença de diferentes grupos, correntes, coletivos, defensores do partidarismo e do antipartidarismo. Falas que contribuem também para reforçar a ideia de que este é profundamente marcado por tensões, conflitos e lutas, indicativas de suas articulações (declaradas e/ou não, de maneira afirmativa e/ou reativa) com diferentes movimentos so-

ciais e partidos, anteriores ao mesmo ou ainda que o apoiaram nos protestos de 2013 em função de afinidades ideológicas.

Outro ponto muito importante que emerge de quase todas as entrevistas realizadas é a dimensão política dos afetos. Medo da violência, sentimento de confusão e de potência, entre outros, figuram muito comumente nas falas enquanto suportes, ao mesmo tempo, de incerteza diversa e conflituosamente vivenciada e, por outro lado, como parte de um compósito vinculado à ideia de fortalecimento do coletivo e de sentimento de solidariedade.

Enfim, as mobilizações de junho de 2013, em São Paulo, levadas a cabo pelo MPL, foram habitadas por uma intensa vontade de transformação, mostrando-se, ao mesmo tempo, ora confusas e imprevisíveis, ora bem orientadas quanto a objetivos imediatos, e, como lembram muitos/as depoentes, reapropriadas por diversos atores sociais. Outro elemento – como ficou demonstrado em muitas falas – que atravessou o cotidiano das mesmas, foi a incerteza. Essa, acompanhada, por outro lado, por uma percepção que se fortaleceu, entre participantes das mesmas e analistas, qual seja, a de que o que estava em questão não era somente o aumento do transporte coletivo, mas o direito à cidade e os limites do atual modelo de democracia. Ademais, em consonância com vários analistas referidos no início desse artigo, reconhecemos que a crise desencadeada em junho de 2013 trouxe muito mais incertezas do que certezas (como observamos em várias falas de entrevistados/as), ou seja, representou o início de um ciclo que certamente não acabou e do qual devemos esperar ainda inúmeras consequências, tanto de médio, quanto de longo prazo.

## Referências

AGIER, Michel. Onde se inventa a cidade do amanhã? Deslocamentos, margens e dinâmicas das fronteiras urbanas. In: GLEDHILL, John; HITA, Maria G.; PERELMAN, Mariano (Orgs.). *Disputas em torno do espaço urbano: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade*. Salvador: EDUFBA. p. 411-26, 2017.

ALONSO, Ângela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 1, p. 49-58, 2017. Disponível em: [novosestudios.uol.com.br](http://novosestudios.uol.com.br). Acesso em: 13 nov. 2018.

ARAÚJO VIEIRA, Maria do Pilar; KHOURY, Iara. Movimentos sociais, documentação e história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 8, n. 9, p. 1-70, 1992. Disponível em: <file:///Users/home/Downloads/12170-29166-1-SM.PDF>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ARLEY, Patrick; RICCI, Rudá. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTAUX, D. *Biography and society: the life-history approach in the social sciences*. New York: Sage, 1981.

BEYNON, Huw. As práticas do trabalho em mutação. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos*. Boitempo Editorial: São Paulo. p. 9-38, 1998.

BOITO, Armando. *O impacto das manifestações de junho na política nacional*. 2013. Disponível em: [www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br). Acesso em: 20 dez. 2018.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global*. La gestión de las ciudades en la era de la información. Madrid: United Nations for Human Settlements/Taurus/Pensamiento, 1997.

BRAGA, Ruy. Sob a sombra do precariado. In: MARICATO, Ermínia *et al.* *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 82.

BRASLAWSKY, Cecilia. *Juventud y sociedad en la Argentina*. Santiago, CEPAL, 1985.

BUCCI, E. *A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CABRAL, Fernando (ed.). *¡Indignados! 15M*. Madri: Mandala Ediciones, 2011.

CALDEIRA, T. P. do R. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Novos Estudos-Cebrap*, São Paulo, n. 98, p. 13-20, 2014.

CARDOSO, Gustavo; DI FÁTIMA, Branco. Movimento em rede e protestos no Brasil: qual gigante acordou? *Dossiê Mídia, Intelectuais e Política*, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 143-76, 2013. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br>. Acesso em: 23 dez. 2018.

CASTEL, R. *Les métamorphoses de la question sociale*. Paris: Fayard, 1995.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 4a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Reti di indignazione e speranza: Movimenti sociali nell'era di Internet*. Università Bocconi Editore: Milano, 2012.

\_\_\_\_\_. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVA, Bruno. *A multidão foi ao deserto*. São Paulo: Annablume, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012 [1994].

COSTA, Henrique. *O presente e o futuro das jornadas de junho*. 2013. Disponível em: [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br). Acesso em: 24 set. 2018.

DA COSTA, Samira Lima; DE CASTRO E SILVA, Carlos Roberto. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Pesq. e Prát. Psicos.*, (s/l), n. 2, v. 10, p. 283-91, 2015. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org](http://pepsic.bvsalud.org). Acesso em: 23 dez. 2018.

DAMO, Arlei S.; OLIVEN, Ruben G. A rebeldia festiva. In: \_\_\_\_\_. *Mega-eventos esportivos no Brasil*. Campinas: Armazém do Ipê. p. 163-85, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Aula sobre Spinoza*. 1978. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: [www.webdeleuze.com](http://www.webdeleuze.com). Acesso em: 22 ago 2018.

\_\_\_\_\_. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DI GIOVANNI, Julia R. *Cadernos do outro mundo: o fórum social mundial em Porto Alegre*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2015b.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. Dossiê: mobilizações, protestos e revoluções. *Novos Estud.* – CEBRAP, São Paulo, v. 1, n. 97, p. 43-55, 2013. Disponível em: [dx.doi.org](http://dx.doi.org). Acesso em: 16 dez. 2018.

DUPUIS-DÉRI, Francis. *Black Blocs*. São Paulo: Veneta, [2007] 2014.

FALCHETTI, Cristhiane. Da institucionalização da participação à emergência do autonomismo: tendências recentes da ação coletiva no Brasil. In: Congress of the Latin American Studies Association. *Anais...* Lima, Peru: LASA, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA; MOLLO; PEREIRA; DA MATA. (Org.). *Tempo presente & usos do passado*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, [1973]1981.

\_\_\_\_\_. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, [1968] 1975.

FIORI, José Luís. *Estado do bem-estar social: padrões e crises*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – USP, p. 1-13, 2013. Disponível em: [www.iea.usp.br](http://www.iea.usp.br). Acesso em: 20 dez. 2018.

FIGUEIREDO, R. (Org.). *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FILHO, Jose Sobreiro. Movimentos socioespaciais, socioterritoriais, manifestações e as redes sociais: das manifestações internacionais ao Movimento Passe Livre – SP. *GeoGraphos: Rev. Dig. Estud. de Geog. y Cienc. Soc.s*,

(s/l), v. 6, n. 73, p. 1-29, 2015. Disponível em: dialnet.unirioja.es. Acesso em: 28 dez. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 01, p. 395-420, mar. 2012.

FONTENELLE, Isleide A. Alcances e limites da crítica no contexto da cultura política do consumo. *Est. Avanç.*, São Paulo, v. 87, n. 30, 2016. Disponível em: www.scielo.br. Data de acesso: 29 dez. 2018.

FREHSE, Fraya. Usos da rua. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (Orgs.) *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, p. 151-70, 2009.

FRÚGOLI JR., HEITOR. Ativismos urbanos em São Paulo. *Cad. CRH*, São Paulo, v. 31, n. 82, p. 75-86, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Cad. CRH: Rev. do Centro de Est. e Pesq. Hum. CRH/UFBA*, Salvador, v. 1, n. 1, 1987.

\_\_\_\_\_. Os Jovens e as praças dos indignados: territórios de cidadania. *Revista Brasileira de Sociologia*, São Paulo, v. 1, p. 205-18, 2013b.

\_\_\_\_\_. *Sociologia dos movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e nas praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

\_\_\_\_\_. 2018.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Trad. Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HAMBURGER, Esther. Saímos do Facebook? In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos*. São Paulo: Ed. 34/Fapesp, 2016,

p. 293-319.

HARVEY, David. O direito à cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 73-89, 2012a. Disponível em: [www4.pucsp.br](http://www4.pucsp.br). Acesso em: 10 out 2018.

\_\_\_\_\_. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nemesis. In: \_\_\_\_\_. *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo, 2012b.

HERZFELD, Michael. Fronteiras/nódulos/agrupamentos. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia: prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 172-193, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O Breve Século XX – 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. *Rev. de Econ. Pol.*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 238-48, 2011. Disponível em: [www.rep.org.br](http://www.rep.org.br). Acesso em: 17 jan. 2019.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernização, mudança cultural e democracia*. São Paulo: Francis, 2009.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, [1961] 2003.

JANOTTI, M. L. M. Refletindo sobre a história oral: procedimentos e possibilidade. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 56-62.

\_\_\_\_\_. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JOUTARD, P. *Essas voces que llegan del pasado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

\_\_\_\_\_. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996, p. 43-64.

JUDENSNAIDER, Elena *et al.* *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.

KANIGEL, Robert. *Eyes in the street: the life of Jane Jacobs*. New York: Alfred A. Knopf, 2016.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Ed.

UNICAMP, p. 423-83, 1994.

LÖWY, Michael. *O Movimento Passe Livre*. Trad. Mariana Echalar. 2014. Disponível em: [blogdaboitempo.com.br](http://blogdaboitempo.com.br). Acesso em: 29 jan. 2019.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. Bras. de Ciên. Soc.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 01 fev 2019.

\_\_\_\_\_. Etnografia urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (Orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 101-33.

MANOLO, Manoel Nascimento. *Teses sobre a Revolta do Buzu*. [S.l.] 2004. Disponível em: [passapalavra.info](http://passapalavra.info). Acesso em: 03 out. 2018.

MARICATO, E. *et al. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013a.

\_\_\_\_\_. É a questão urbana, estúpido. In: MARICATO, E. *et al. Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013b, p. 24.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELUCCI, A. *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC, ABRASCO, 1993.

MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

MOVIMENTO Passe Livre. *Por uma vida sem catracas! (s/d)*. Disponível em: <http://mpl.org.br>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MUHALE, Miguel J. *Lutar, criar poder popular: uma perspectiva etnográfica do bloco de lutas pelo transporte público em Porto Alegre/RS*. 2014. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS, 2014.

NASCIMENTO, Silvana; OLIVAR, José M. (Orgs.). Dossiê Narrativas urbanas em tempos perturbadores: uma introdução. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 18, 2016. Disponível em: [pontourbe.revues.org](http://pontourbe.revues.org). Acesso em: 1 jan. 2019.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*.

Projeto História, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAES, Regina; ALVIM, Rosilene. Movimentos, redes e novos coletivos juvenis. In: LOPES, José S. L.; HEREDIA, Beatriz (Orgs.) *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação*. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Altos Estudos, 2014, p. 269-301.

OLIVEIRA, Lucas. *Está em pauta, agora, que modelo de cidade queremos* – Entrevista com o Movimento Passe Livre, concedida a Maria Caraméz Carlotto. 2013. Disponível em: [www.revistafevereiro.com](http://www.revistafevereiro.com). Acesso em: 29 jan. 2019.

ORTELLADO, Pablo. *L'experiência do MPL eh aprendizado para o movimento autonomo não so do Brasil como do mundo*. (Entrevista a Coletivo DAR e Desinformémonos). 2007. Recuperado em 02 de novembro, 2013. Disponível em: [coletivodar.org](http://coletivodar.org). Acesso em: 19 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Os protestos de junho entre o processo e o resultado. In: JUDENSNAIDER, Elena. et al. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.

PATERNIANI, Stella Z. Quem não luta, tá morto: política e vida no centro da cidade. In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos*. São Paulo: Ed. 34/Fapesp, 2016, p. 321-47.

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 351-60, 1998.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, v. 1, n. 100, p. 119-53, 2017. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 25 jan. 2019.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-12, 1992.

PORTELLI, Alesandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 103-130.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Cultura e Representação*. *Projeto História*, São Paulo, v. 1, n. 14, 1997a.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. *In: Cultura e Representação. Projeto História*, São Paulo, v. 1. n. 14, 1997b.

PRETECEILLE, E. A evolução da segregação social e das desigualdades urbanas: o caso da metrópole parisiense nas últimas décadas. *Caderno CRH*, São Paulo, n. 36, p. 27-48, 2003.

PRINS, Gwyn. História Oral. *In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163-198.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

RESENDE, A. L. *O mal-estar contemporâneo*. 2013. Disponível em: [www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br). Acesso em: 8 nov. 2018.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROLNIK, Raquel *et al.* *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior/Tinta Vermelha, 2014.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. *In: Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo, 2012.

SALES, A. L. L. F. *et al.* Para (re)colocar um problema: a militância em questão. *Temas Psicol.*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, não paginado, 2018. Disponível em: [dx.doi.org](http://dx.doi.org). Acesso em: 20 jan. 2019.

SANDOVAL, Salvador A. M., A crise sociológica e a contribuição da psicologia social ao estudo dos movimentos sociais, *Educação e Sociedade*, 34 (dezembro 1989) p. 122-30. (xerox)

SARAIVA, Leila. *Não leve flores: crônicas etnográficas junto ao Movimento Passe Livre – DF*. 2017. Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB, 2017.

SASSEN, Saska. *The Global City*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991.

SCARCELLI, O.; MEDEIROS, R. Desdobramentos das “jornadas de junho” na política de transportes de São Paulo. *In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. Anais...*, Vitória, CBG, 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Cad. CRH*, vol. 27, n. 71, p. 417-29, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito [1903]. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-91, 2005. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 7 out. 2019.

SINGER, André. Esquerda ou direita? *Folha de S. Paulo*, 2013a. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br). Acesso em: 8 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Flores de inverno. *Folha de S. Paulo*, 2013b. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br). Acesso em: 18 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. Dossiê: mobilizações, protestos e revoluções. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 97, p. 23-40, 2013c. Disponível em: [dx.doi.org](http://dx.doi.org). Acesso em: 28 nov. 2018.

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno. Paes; NOVAES, Willian. *M@scAr@-dos: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Blocs*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

SPÓSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social – Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-78, 1993.

TARROW, S. *The language of contention – revolutions in words, 1688-2012*. Cambridge: University of Cambridge, 2013.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A. Reconstruindo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 51-84, 1997.

TILLY, Charles; TARROW Sidney. *Contentious politics*. Boulder/USA: ParadigmPublis, 2007.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia M. D. *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

TORTOSA, José María. Sobre los movimientos alternativos en la actual coyuntura. *Rev.de la Univ. Boliv.*, Caracas, v. 10, n. 30. p. 317-38, 2011.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 11-23.

VERGARA, Camile. Corpo transgressão: a violência traduzida nas performances do Coletivo Coiote, Bloco Livre Reciclato e Black Blocs. *Cad. de Arte e Antrop.*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 105-23, 2015. Disponível em: [cader-nosaa.revues.org](http://cader-nosaa.revues.org). Acesso em: 3 out. 2018.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas-SP, v. 22, n. 44. p. 203-20, ago./dez. 2014. Disponível em: [www.ifch.unicamp.br](http://www.ifch.unicamp.br). Acesso em: 3 out 2018.

ZIBECHI, Raúl. Debajo y detrás de las grandes movilizaciones. *OSAL – Observatório Social de América Latina*, Buenos Aires, v. 14, n. 34, p. 16-36, 2013.

ZIZEK, S. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011.

**Resumo:**

O artigo desenvolve uma reflexão sobre as mobilizações do Movimento Passe Livre – MPL, de junho de 2013, na cidade de São Paulo, enquanto forma específica de ativismo contemporâneo. Inicialmente, a partir de literatura internacional e nacional especializada, analisamos as principais características das mesmas. Em seguida, com base na produção de um conjunto de 15 entrevistas, tomando como fundamentação teórica e metodológica a história oral, buscamos compreender melhor os vínculos entre processos de subjetivação, identificação e ação coletiva e suas interfaces com dinâmicas específicas da memória individual e coletiva em questão, associadas a relações de aceite e tensão relativas a uma ideia e modelo dominantes de cidade e urbanidade, espaço público e cidadania, na ordem urbana neoliberal em tela. Enfim, iniciando um ciclo que certamente não acabou e do qual devemos esperar ainda inúmeras consequências.

**Palavras-chave:** Ativismo contemporâneo; Movimento Passe Livre (MPL); Ordem urbana; Neoliberalismo; História oral.

**Abstract:**

The article discusses the mobilizations of the Free-MPL Movement of June 2013, in the city of São Paulo, as a specific form of contemporary activism. Initially, from international and national specialized literature, we analyze the main characteristics of the same. Then, based on the production of a set of 15 interviews, taking as theoretical and methodological foundation oral history we seek to better understand the links between processes of subjectivation, identification and collective action and their interfaces with specific dynamics of individual and collective memory in question, associated to relations of acceptance and relative tension a dominant idea and model of city and urbanity, public space and citizenship, in the neoliberal urban order on canvas. At last, starting a cycle that certainly has not ended and from which we must still expect countless consequences.

**Keywords:** Contemporary Activism; Free Pass-MPL Movement; Urban order; Neoliberalism; Oral history.

Recebido para publicação em 19/04/2019.

Aceito em 08/08/2019.